



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A PESQUISA ARTICULADA AO ENSINO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E TRABALHO DOCENTE DO PEDAGOGO

Naiara Santana Souza
Graduanda em Pedagogia, UNEB¹

RESUMO: O presente artigo é resultado da realização de uma pesquisa por meio do desenvolvimento de um laboratório proposto pela disciplina Processo de Alfabetização do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus XV, Valença. O mesmo tem como objetivo relatar a investigação realizada com uma criança e compreender a importância da pesquisa articulada ao ensino na formação profissional e atuação docente do Pedagogo, através de uma análise crítica e reflexiva sobre a investigação no laboratório, dialogando com os teóricos existentes. Neste sentido foi realizada uma pesquisa bibliográfica e revisão literária. Perante o exposto, a investigação foi significativa, pois contribui para ressignificação do conhecimento construído, da prática pedagógica, melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem e da formação profissional enquanto Pedagogos. Mediante isto, a pesquisa juntamente com as leituras e reflexões colaboraram no posterior trabalho docente de qualidade como Pedagogos.

Palavras-chave: Pesquisa; Formação; Docência.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado da experiência vivenciada durante a realização de uma pesquisa por meio do desenvolvimento de um laboratório de alfabetização proposto pela disciplina Processo de Alfabetização do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus XV, Valença - BA.

Portanto a pesquisa foi concretizada com uma criança do sexo feminino cujas iniciais do nome são M. C. M. B. S. de três anos de idade. A mesma reside no município de Valença, mora com os pais e um irmão, estuda na escola particular no turno matutino onde cursa a Educação Infantil (G1). M. é uma criança alegre e amorosa, adora brincar, contar e ouvir histórias e assistir desenhos.

¹Universidade do Estado da Bahia – Campus XV, Valença/BA.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Assim sendo, o laboratório aconteceu no mês de dezembro durante seis dias alternados, sendo alguns encontros no turno matutino, outros no vespertino e também no noturno na casa da criança, de acordo com os horários e disponibilidade da mesma.

Desta forma, a pesquisa no laboratório tinha como objetivo identificar o nível de alfabetização da criança para melhor compreender o processo de alfabetização que a mesma estava, construindo alguns mecanismos para ajuda-la a superar alguns desafios deste processo, contribuindo para um melhor aprendizado da criança.

Ressaltamos que este texto foi reestruturado, tendo em vista que após ingressarmos no grupo de pesquisa NEIFA (Núcleo de Escuta, Investigação e Formação de Professores Alfabetizadores) intensificamos a discussão sobre alfabetização e letramento, a partir de algumas leituras e releituras sobre teóricos como Emilia Ferreiro (1996) e Magda Soares (2003), que contribuíram na realização do laboratório.

A partir da investigação surgiu o seguinte questionamento: Como a pesquisa articulada ao ensino no laboratório de alfabetização pode contribuir para a formação profissional e trabalho docente do Pedagogo? Iniciamos esta discussão, realizando uma incursão em algumas concepções sobre o processo de alfabetização e a pesquisa articulada ao ensino bem como sua importância no desenvolvimento do Pedagogo, para contribuir com algumas reflexões no que diz respeito ao questionamento inicial.

Portanto para compreender a concepção de pesquisa articulada ao ensino tivemos como embasamento teórico Minayo (1994) e André (2001), quanto à formação de professor García (1999) e sobre alfabetização e seus processos tivemos como embasamento teórico Ferreiro (1996).

Quanto ao conceito de pesquisa Minayo (1994) entende por: “Pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo” (p.17).

Neste sentido, justifica-se a importância da pesquisa articulada ao ensino para melhoria da qualidade de ensino e formação do profissional Pedagogo pesquisador. Pois a pesquisa contribui através da observação, questionamento e hipóteses, na busca do entendimento sobre o ensino - aprendizagem e seus processos, déficits, possibilitando uma ação para melhoria e transformação do mesmo.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Diante disto, a Universidade como formativo por excelência da docência, e a pesquisa articulada ao ensino ou extensão, é o caminho metodológico para essa formação deste profissional. Quanto a isto, García (1999) discorre sobre a formação de professores salientando o seu caráter evolutivo, sistemático e organizado, explicita o seguinte conceito:

A formação de professores é a área de conhecimentos, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da Didática e da Organização escolar, estuda os processos através dos quais os professores – em formação ou em exercício – se implicam individualmente ou em equipe, em experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram seu conhecimento, competências e disposições, e que lhes permitem intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem (p. 26).

Mediante isto, o Pedagogo desde o início da sua formação profissional na graduação precisa aprender a desenvolver a pesquisa na sua prática pedagógica de ensino na sala de aula e em diversos outros espaços educacionais.

Por conseguinte, quanto ao processo de alfabetização e sua característica, Ferreiro (2003) considera o mesmo como um modo particular de representação da linguagem que deve ser compreendido e respeitado. A mesma nos alerta para que historicamente os aspectos construtivos que tem relação com o que a criança quer representar e os meios que usa para distinguir essas representações da escrita eram ignorados em detrimento aos aspectos figurativos que são os aspectos formais. Assim, segundo a mesma quando ocorre à escrita quando tem uma intenção por parte da criança.

Neste sentido, Ferreiro e Teberosky (1985), apresentam os níveis sucessivos de alfabetização como pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. O Pré-silábico, é quando a criança ainda não tem uma noção de sílaba e habitua-se a representar as palavras com um desenho, traçado ou letras aleatórias. No silábico, a criança já percebe que há uma relação entre o que se fala e o que se escreve, cada sílaba é representada por uma letra. Silábico-alfabético com valor sonoro, a criança já escreve palavras com sílabas completas e/ou incompletas, imperando as de valor sonoro mais



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

forte. E por último o alfabético, onde ela já relaciona fonema e grafema, já articula letras na formação das palavras.

Neste sentido, este texto busca relatar a investigação realizada com a criança e compreender a importância da pesquisa articulada ao ensino na formação profissional do Pedagogo e sua atuação docente, através de uma análise crítica e reflexiva sobre a investigação no laboratório, dialogando com os teóricos existentes. Assim, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e revisão literária crítica.

CAMINHOS PERCORRIDOS

Para realizarmos a pesquisa de campo fomos até a casa da criança, nos apresentamos e posteriormente pedimos autorização aos pais da mesma. A partir do consentimento explicamos o que faríamos e em quanto tempo. Tendo como base desde o primeiro encontro ao último os princípios éticos: respeito, reciprocidade, anonimato, seriedade, naturalidade, seriedade, etc.

Tivemos como princípios norteadores o diálogo e o amor proposto por Freire (1991), deixando a mesma a vontade para dialogar conosco. E a partir destes princípios desenvolvemos com a mesma diversas atividades. Para tanto, levamos em conta o dinamismo, flexibilidade, humildade e empatia. Utilizamos as seguintes ferramentas, máquina fotográfica, lápis, caneta, papel, livros infantis, alfabeto e número móvel, livro imagético, etc.

Nesta perspectiva, os métodos científicos que utilizamos no laboratório foram a pesquisa qualitativa e descritiva e avaliação formativa. O procedimento técnico consistiu-se em: coleta de dados. As técnicas aplicadas foram questionário aberto e observação sistemática e participativa. Contivemos como princípio norteador o diálogo, que foi o eixo articulador de todo processo. Embasados nisto, desde o primeiro encontro buscamos nos aproximar de M. dialogando com a mesma fazendo um breve questionário e respondemos suas indagações.

No decorrer do encontro apresentamos o alfabeto móvel em formato de letra Bastão e o número móvel, ambos tamanhos médios e coloridos, sendo que ela



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

demonstrou ter gostado muito. Em seguida perguntamos a mesma se existia diferença entre eles e ela disse que não, depois perguntamos o que eram ela respondeu que era o alfabeto. Em seguida pedimos para a mesma desmontar e montar o alfabeto móvel, encaixando cada letra no seu molde correspondente, ela a princípio apresentou muita dificuldade, pois não tinha familiaridade com as letras e colocava as mesmas trocadas.

Diante disto, para facilitarmos a compreensão dela e sua aprendizagem, pedimos para ela sentir o molde de cada letra e após procurar de acordo com o formato e com o que ela sentia e via com isso ela conseguiu encaixar a maioria das letras em seu molde correto.

Ainda neste encontro mostramos para a criança dois livros infantis: o primeiro cuja história era: “Uma Joanhinha diferente” de Regina Célia Melo e um livro imagético: “A Cigarra Preguiçosa” de Naiara S. Souza, a partir disto, perguntamos para ela qual a diferença dos dois, ela com dificuldade disse que um tinha o alfabeto e o outro não, parabenizamos e agradecemos a mesma pela colaboração e finalizamos o momento contando a história de “Uma Joanhinha diferente” e posteriormente ela narrou com muito entusiasmo para nós uma história criada por ela mesma a partir da leitura de imagens do livro de Regina Célia Melo acima mencionado.

Assim sendo, identificamos desde o primeiro encontro que a mesma sabia diferenciar desenho de escrita superando como nos diz Ferreiro (2003) este primeiro desafio. No entanto ela não distinguia as letras do alfabeto nem tão pouco os números, além disso, não sabia diferenciar letras de número e muitas das vezes dizia que alfabeto e letras eram diferentes. Contudo a mesma tinha muita vontade de aprender e ficava ansiosa para realizar as atividades, e quando ensinávamos ela aprendia com facilidade, sendo que ela tinha um bom nível de concentração.

No segundo dia, montamos o nome dela com o alfabeto móvel e pedimos para ela escrevesse seu nome em baixo das palavras, conforme ela via e sabia, ela conseguiu escrever legivelmente. Como nos diz Ferreiro e Teberosky (1985) que nesse primeiro momento, a criança se propõe a imitar o ato de escrever. Deste modo a mesma imitava as letras do seu nome. No entanto quando demos uma folha em branco para que ela escrevesse o nome dela, ela fez ao seu modo em forma de zig-zag. Explicamos para a



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

mesma e sua família que a escrita tava correta, pois fazia parte do processo e nível de alfabetização.

Mediante isto M. estabelecia a sua própria lógica na construção da escrita, e buscava respostas de acordo com o que tinha a ver como sua verdade. Criava a sua própria forma de ler e escrever, assim conflito após conflito, dificuldade após dificuldade ela criava intrinsecamente as bases para a alfabetização nos modelos convencionais; como nos diz Ferreiro e Teberosky (1991):

A intenção subjetiva do escritor conta mais que as diferenças objetivas no resultado. O aprendiz formula a hipótese segundo a qual é necessário certo número de caracteres para escrever algo, e uma variedade entre as grafias (p. 183).

Diante do exposto, para M. escrever é reproduzir traços típicos da escrita, linhas onduladas ou quebradas (zig-zag) contínuas ou fragmentadas. Este, portanto foi o resultado dessas primeiras “escritas” dela. Deste modo, entendemos que a produção da escrita ocorre quando há intencionalidade, C. como prefere ser chamada escrevia a sua maneira e a mesma sabia e entendia o que estava fazendo.

Por meio da observação e questionário identificamos que a mesma estava no primeiro nível de alfabetização que é o pré-silábico. Segundo Ferreiro e Teberosky (1985) neste nível, escrever para a criança é simplesmente reproduzir os traços típicos da escrita.

Devido a isto, no terceiro período orientamos para ela fazer novamente a montagem do alfabeto no seu molde correspondente, pois ela tinha gostado muito, e pediu para refazer. Elaboramos uma questão pra a mesma escrever as letras do alfabeto conforme ela via e sabia assim ela fez todas as letras, umas por imitação e outras a sua maneira.

Já no quarto encontro fizemos com ela um questionário para escrever uma palavra que foi o próprio nome dela e uma frase curta para a mesma fazer de acordo com o que ela via e entendia e mais uma vez ela escreveu em forma de linhas onduladas. Após o descanso demos um ditado mudo, com seis figuras de livro, boneca, casa, maçã, lápis e abacaxi, onde ela soube dizer o que era todas as figuras, no entanto escreveu o nome de todas as imagens em forma de zig-zag.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Quanto ao quinto dia trabalhamos com os números utilizando o alfabeto móvel para ela encaixar no molde certo, C. confundia o número um com o sete, mas com o método de sentir os números passando os dedos nos moldes ajudou-a conseguir encaixar certo. Propomos para ela escrever os números, onde ela fez o sete espelhado e os números: zero, um, três, cinco e sete como são. No entanto confundia zero com “o”. Após, pedimos para ela contar quantas letras tinha o nome dela e quantos anos ela tinha. Percebemos neste último questionamento que ela sabe contar até cinco, no entanto ela tem dificuldades de reconhecer o número correspondente a sua idade.

Mediante o exposto, constatamos também que a escrita da mesma não era correspondente ao tamanho da letra que constava nos questionários, Ferreiro e Teberosky (1991) explica esse fenômeno denominado de “realismo nominal”, ou seja, ela escrevia proporcionalmente ao tamanho do objeto ou letra, pois para ela a escrita assim como o desenho representa simbolicamente o conteúdo de uma mensagem e não seus elementos linguísticos.

De tal modo, no sexto dia orientamos M. para construir um livro imagético, onde levamos livros velhos e revistas, ela escolheu diversas figuras da revista e nenhuma dos livros, depois ela cortou com muita dificuldade as figuras, pois não sabia ainda manusear a tesoura, devido sua coordenação motora em desenvolvimento e pouco trabalhada com esta finalidade. Ensinamos a mesma a utilizar a tesoura, depois de cortar ela colou as figuras e por último fizemos um vídeo dela contando uma história que a mesma intitulou como “Figuras”. Segundo ela o título Figuras do livro que ela construiu é porque “o livro estava cheio de figuras tiradas de revistas”. Finalizamos com uma seção de fotos visto que ela gostava disto e de manusear a câmera fotográfica. E convidamos a mesma e sua família para a culminância do laboratório na UNEB.

Deste modo, após concluirmos a pesquisa analisamos e interpretamos os dados para em seguida avaliarmos os mesmos, com o intuito de construir o relatório para o portfólio. Por fim, foi realizada uma culminância do laboratório na UNEB em um sábado pela tarde, coordenada pela professora do mesmo componente curricular, com a participação de toda a turma da disciplina onde todos convidaram os sujeitos da pesquisa e suas repetitivas famílias com os quais trabalharam, sendo que a maioria



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

compareceu. Portanto a presença dessas pessoas foi de suma importância, pois naquele momento buscamos dar um retorno da pesquisa.

Além disto, os mesmos puderam conhecer a Universidade, e desfrutar daquilo que preparamos especialmente para eles, tais como cantinho de leitura, contação de histórias, brincadeiras, músicas, dinâmicas e deliciosos aperitivos (doces, salgados, sucos, refrigerantes, bolo, etc.). Ao finalizar foi entregue para cada criança o livro imagético que elas construíram. Nós além de entregarmos o livro de C. presentamos a mesma como forma simbólica de agradecimento com uma coleção de livros infantis e apresentamos um vídeo com as fotos dos encontros e de todas as atividades que M. realizou.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para nós o que realmente importa são os processo e aspectos de construção da escrita e não a qualidade da mesma. Pois se sabe que não são os aspectos figurais que revelam se houve ou não a escrita, são a intencionalidade e os aspectos construtivos. Portanto ao longo deste laboratório constatamos que houve uma aprendizagem significativa e que a menina já reconhece algumas letras do alfabeto tais como: “a, x, h, d, i, m, l e o” e passou a escreve- las de acordo como elas são. Além disto, a mesma passou a confundir com menor frequência letras e números.

Neste sentido, as questões desenvolvidas contribuíram para o desenvolvimento da criatividade, imaginação, da competência narrativa de M. C. bem no seu processo de alfabetização e letramento. Desta maneira, todos os questionários por ela respondidos como nos diz Ferreiro (1996) foi produto de um intenso trabalho cognitivo, resultado da de varias tentativa da criança.

Portanto a pesquisa realizada no laboratório foi pertinente, pois compreendemos através da experiência os processos de alfabetização com ênfase para o primeiro nível que é o pré-silábico, no qual a criança estava. Assim, para Dewey (1979) “a necessidade da solução de uma dúvida é o fator básico e orientador em todo o mecanismo da reflexão” (p.24). Logo após as reflexões a partir da revisão literária



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

houve a ressignificação dos saberes e conhecimentos construídos e aprendidos, bem como da prática pedagógica.

Deste modo, esta pesquisa possibilitou um momento fundamental na nossa contínua formação profissional quanto Pedagogos que é o da reflexão crítica sobre a prática. Quanto a isto, Freire (1996) nos fala que o “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (p.44).

Por conseguinte, Demo (2005), ressalta que a pesquisa deve ser vista como um processo social que perpassa toda a vida acadêmica, do professor e do aluno. Desta forma a mesma tem um papel crucial na formação do professor, quanto a isto Venturim (2001) nos diz que:

A pesquisa na formação de professores vem como uma possibilidade de rompimento com um ensino repetitivo, tradicionalmente e meramente repassador de conhecimento. Como em “cadeia”, é possível entender que a formação do professor pela pesquisa pode indicar que a sua ação docente também, por aí se encaminhará. O professor pesquisador da sua própria prática deve formar alunos pesquisadores (p. 99).

Perante isto, Calazans (1994) relata que a prática da pesquisa tendo como base fundamentos teórico-metodológicos durante a formação é uma prática pedagógica, na qual se busca contribuir para o avanço do conhecimento.

Segundo Santos (2001), devido à necessidade de formar um docente questionador, investigador, reflexivo e crítico, a pesquisa tem uma grande ênfase para formação e atuação do professor. Desta maneira a pesquisa deve se tornar um eixo do curso de Pedagogia, associe a formação inicial deste profissional, para André (2001) essa é uma das formas das formas de trabalhar a articulação entre ensino e pesquisa.

Diante do exposto, a pesquisa concretizada sobre processos de alfabetização se deu por meio de um laboratório, compreendido como um meio investigativo e experimental, onde por meio do mesmo ocorreu um aprendizado recíproco por nós, pela criança e sua família, melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem, ressignificação do conhecimento construído, bem como da prática pedagógica e construção da formação profissional enquanto Pedagogos.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

CONSIDERAÇÕES

Reiteramos a importância deste componente curricular para o curso de Pedagogia bem a do NEIFA que tem fomentando e fortificado a pesquisa no Campus XV, sendo que ambos têm contribuído para a formação de professores alfabetizadores.

Portanto, a realização do laboratório nos possibilitou compreender melhor o processo de construção e apropriação da escrita na infância. Colaborando assim para nossa formação profissional como Pedagogo. Durante a pesquisa construímos diversos conhecimentos e saberes para toda nossa vida e em todos os âmbitos, onde ensinamos e aprendemos ao mesmo tempo e conhecemos um pouco mais do mundo infantil e suas peculiaridades.

Neste sentido, entendemos a importância de dialogar com as crianças e contatamos a necessidade que elas têm de serem ouvidas e compreendidas em sua forma singular de ser e viver no mundo. Elas querem mais que brinquedos, elas querem aprender, ensinar, conversar, serem ouvidas, entendidas, querem amor, atenção, afeto, cuidado e alguém para brincar e compartilhar o seu mundo.

Mediante o exposto, a pesquisa contribuiu para o desenvolvimento de um olhar de Pedagogo pesquisador para lidar com a realidade na sala de aula e fora dela, colaborando para formulação de hipóteses e construção de práticas pedagógicas baseadas no resultado da pesquisa, bem como para nossa formação profissional como Pedagogo e para um melhor trabalho docente.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. **Pesquisa, Formação e Prática Docente**. In: ANDRÉ, M. (Org.). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas: Papirus, 2001. p. 55 – 69.

CALAZANS, M. J. C. **A iniciação científica: um aprendizado do trabalho científico da realidade social**. In: MOREIRA, A. F. B. (Org.). Conhecimento educacional e



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

- formação do professor: questões atuais. São Paulo: Papirus, 1994. p. 61 - 70.
- DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2005.
- DEWEY, John. **Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição**. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas. 4 ed. 1985.
- FERREIRO, E. **Los niños piensan sobre la escrita**. Mexico: Siglo Veintiuno. Ed, 2003. 1 CD ROM.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre, Artes Médicas. 1991.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez. 26 ed. 2011.
- GARCÍA. Carlos Marcelo. **Formação de professores. Para uma mudança educativa**. Portugal: Porto Editora, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SANTOS, L. L. C. P. **Dilemas e perspectivas na relação entre ensino e pesquisa**. In: ANDRÉ, Marli (Org.). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas: Papirus, 2001. p. 11 – 26.
- SOARES, Magda Becker. **Alfabetização: a resignificação do conceito**. Alfabetização e Cidadania. nº 16, p 9 -17, jul. 2003.
- VENTORIM, S. **A formação do professor e a relação ensino e pesquisa no estágio supervisionado em Educação Física**. In: CAPARRÓZ, F. E. (Org.). Educação Física Escolar: política, investigação e intervenção. Vitória: Proteoria, 2001. p. 93 – 114.